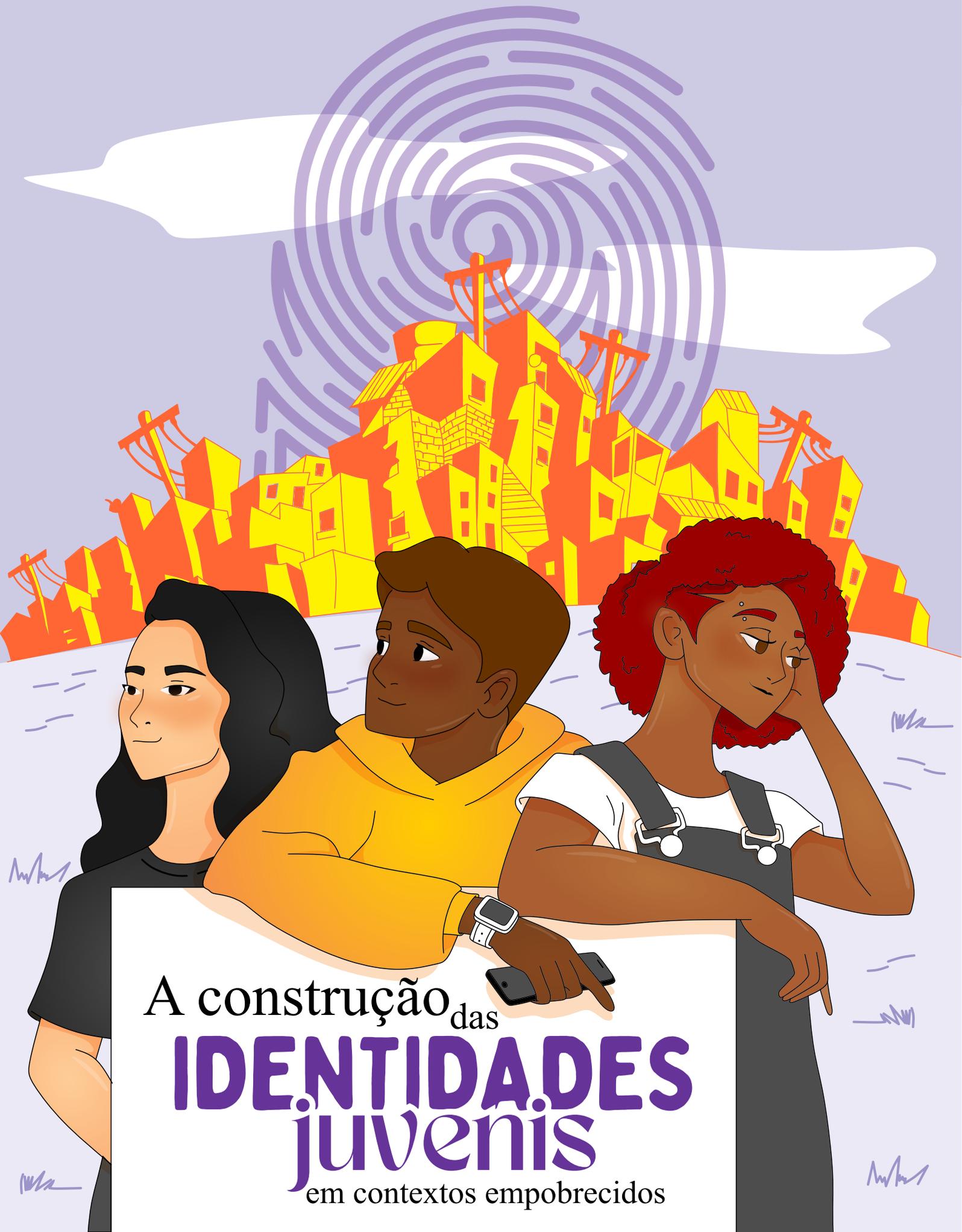


Dante Leonardo Monteiro Carlos

Renata Duarte Simões



A construção das
IDENTIDADES
JUVENIS
em contextos empobrecidos

Dante Leonardo Monteiro Carlos
Renata Duarte Simões

1ª Edição
Vitória
2024



Programa de Pós-Graduação
Profissional em Educação - UFES



A construção das
IDENTIDADES
JUVENIS
em contextos empobrecidos



Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

Carlos, Dante Leonardo Monteiro, 1976-
C284c A construção de Identidades Juvenis em Contextos Empobrecidos / Dante Leonardo Monteiro Carlos. - 2024.
60 p. : il.

Orientadora: Renata Duarte Simões.
Produto Técnico-Tecnológico (Desenvolvimento de produto) (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Produto 2. Juventude. 3. Educação. 4. Identidade. 5. Pobreza
I. Simões, Renata Duarte. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Autoria: Dante Leonardo Monteiro Carlos (Mestrando) e Renata Duarte Simões (Orientadora).

Nível de ensino a que se destina o produto: educação básica.

Área de Conhecimento: Educação.

Público-alvo: equipe gestora, alunos e professores da educação básica, além das famílias.

Categoria deste produto: desenvolvimento de livro digital vinculado à Educação.

Finalidade: sintetizar as vivências, os desafios e a complexidade da construção das identidades juvenis em contextos empobrecidos.

Organização do produto: O produto foi organizado em seções, sintetizando os objetivos, o processo metodológico, os conceitos teóricos e as discussões realizadas com os estudantes que participaram dessa pesquisa, lançando luz às suas falas e suas produções a partir dessas discussões.

Registro de propriedade intelectual: Ficha Catalográfica emitida pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo.

Disponibilidade: irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: digital. URL: Página do PPGMPE: www.educacao.ufes.br

Processo de validação: Validado na banca de defesa da dissertação.

Processo de aplicação: Será disponibilizado aos gestores, de maneira a encaminharem aos professores da escola onde a pesquisa foi realizada, aos alunos e a todos a quem possa ajudar a compreender a multifacetada construção das identidades juvenis.

Impacto: alto. Produto elaborado a partir das rodas de conversa que foram realizadas com os estudantes a fim de compreender como as observações e vivências possibilitam a construção das identidades desses sujeitos e o que eles elaboram sobre si enquanto sujeitos periféricos.

Inovação: alto teor inovativo. O produto apresenta os conflitos vividos pelos jovens de uma escola provada em contexto periférico e como eles se constroem a partir das experiências dentro da comunidade, do espaço educativo formal e das relações sociais a que estão inseridos.

Origem do produto: dissertação intitulada “Identidades juvenis e pobreza: O que os jovens matriculados em uma escola situada em território periférico elaboram sobre si?”



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO – PPGPE**

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Av. Fernando Ferrari, 514 – Goiabeiras - Vitória - ES
CEP: 29075-073

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandro Braga Vieira
Pollyana dos Santos

DIAGRAMAÇÃO/ILUSTRAÇÃO

Aline Antonio

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

PPGPE / UFES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES

EUSTÁQUIO VINÍCIUS DE CASTRO
Reitor

SONIA LOPES VICTOR
Vice-Reitora

VALDEMAR LACERDA JÚNIOR
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

REGINALDO CÉLIO SOBRINHO
Diretor do Centro de Educação

SILVANA VENTORIM
Vice-Diretor do Centro de Educação

ALEXANDRO BRAGA VIEIRA
*Coordenador do Programa de
Pós-Graduação Profissional de Educação - PPGPE*

DOUGLAS CHRISTIAN FERRARI DE MELO
*Coordenador Adjunto do Programa de
Pós-Graduação Profissional de Educação - PPGPE*



AUTORES

DANTE LEONARDO MONTEIRO CARLOS



DANTE LEONARDO

Dante Leonardo Monteiro Carlos, licenciado em Letras Português/Inglês pela Serra Vix (2010); possui especialização em Educação de Jovens e Adultos pela Faculdade Luso Capixaba (FLC, 2015), curso de aperfeiçoamento em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFES, 2019) e é mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação da Ufes. Atualmente é professor de Língua Estrangeira Inglês na rede municipal de Cariacica e professor da Escola Marista Terra Vermelha. Integra o Grupo de Estudos em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (Lagebes/Ufes).

RENATA DUARTE SIMÕES



RENATA DUARTE

Renata Duarte Simões é professora adjunta no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (DLCE/Ufes) e do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPGPE/Ufes); mestra em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP, 2005); doutora em História da Educação e Historiografia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp, 2009) e pós doutora em História da Educação e Historiografia pela Feusp (2013)



IDENTIDADES juvenis

“O que os jovens matriculados em uma escola situada em território periférico elaboram sobre si?”

“O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2005, p. 12).

[...] construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (Dayrell, 2003, p. 42).

SUMÁRIO



09.....INTRODUÇÃO

**PARTILHANDO
os saberes.....15**

16
I
TEMÁTICA

22
II
TEMÁTICA

29
III
TEMÁTICA

37
IV
TEMÁTICA

45
V
TEMÁTICA

**CONCLUINDO O
53....QUE NÃO SE CONCLUI**

57.....REFERÊNCIAS



INTRODUÇÃO

[...] tem um sentimento de revolta, porque a pessoa tenta e não abre a porta, não tem chance, falta oportunidade. Tem muita gente com talento e que fica revoltado no mundo por falta de oportunidade” (A, 2023).

Esse livro virtual tem como foco compartilhar os resultados da pesquisa realizada com os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II, buscando entender a compreensão que esses alunos têm de si mesmos como sujeitos sociais. Como premissa do estudo, compartilhamos da ideia de que a pobreza se configura como resultado de um amplo processo de negação de direitos, em que os sujeitos estão impossibilitados de acesso ao lazer, à moradia digna, ao trabalho, à cultura, dentre outros acessos e serviços essenciais para uma vida digna.

Quando pensamos a educação como uma das ferramentas de transformação social e emancipação do sujeito, entendemos a necessidade de oportunizar aos alunos meios para que consigam alcançar tudo que lhes é ceifado pela condição de vulnerabilidade em que vivem. Entendemos que esses sujeitos precisam encontrar uma educação que seja pensada de forma a elaborar uma nova realidade transformadora da própria condição social, uma vez que somente a permanência do aluno na escola não é suficiente para que ele possa sair do círculo vicioso da pobreza. É importante que haja uma prática que pense o aluno como um todo, que leve em consideração as situações de vida e que contribua para a garantia dos direitos fundamentais.

Enfrentar a temática da 'educação, pobreza e desigualdade social' significa, assim, assumir um posicionamento político em relação à realidade vivida por milhões de crianças, jovens e adolescentes que, apesar de terem acesso à escola, não têm ainda garantidos seus direitos a uma educação voltada para suas necessidades e interesses (ALVAREZ, 2017).



o fenômeno da pobreza é uma expressão direta das relações vigentes em uma sociedade capitalista, extremamente desigual, em que convivem acumulação e miséria. Essas relações que reproduzem a desigualdade nos aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos tendem a estabelecer o lugar definido para os pobres na sociedade e os culpabilizam pela própria condição social. Esses sujeitos empobrecidos são julgados e desqualificados pelo modo que se expressam, pelas suas crenças, seus comportamentos sociais.

O sociólogo e cientista político Jessé Souza (2009) destaca que, nas sociedades com alto índice de desigualdade, ficam restritos à elite os conhecimentos considerados superiores, enquanto às crianças de famílias pobres é direcionado um conhecimento básico, limitado à formação para a vida profissional. Analisando o que o autor traz como reflexão, entendemos que a educação para os sujeitos empobrecidos se restringe, muitas vezes, a um ensino que não lhes permitirá fazer escolhas, voltado para a formação de mão-de-obra barata para a elite, diminuindo a possibilidade de uma transformação social, pois a formação ofertada para esses jovens se estabelece em padrões básicos que não dialogam com as identidades que esses sujeitos estão construindo e aumentam a desigualdade social.

Arroyo (2014) argumenta que os alunos que vivem em contextos empobrecidos carregam consigo suas vivências e experiências marcadas pelas desigualdades, violações de direitos, pelas realidades vividas nos territórios periféricos. É necessário compreender seus saberes e proporcionar um aprendizado significativo que contribua não somente para a emancipação desses sujeitos, mas para a constituição de agentes transformadores da realidade em que vivem.

Se aproximar da juventude implica em estar junto, ouvir os questionamentos, as percepções e sobretudo buscar olhar esses jovens entendendo que seus saberes são significativos e que precisam ser considerados numa perspectiva de jovem como um sujeito do hoje, não apenas o que será no futuro.



A pesquisa qualitativa norteou nossa metodologia que segundo Bauer e Gaskell (2008), não apenas busca a tipificação da variedade de representação das pessoas em seu mundo vivencial, mas sobretudo, objetiva conhecer a maneira como as pessoas se relacionam em seu mundo cotidiano.

A pesquisa tem um caráter colaborativo e uma dinâmica de participação dos envolvidos por meio de suas falas, experiências e contribuições, buscando entender como se dão as relações no cotidiano de uma escola situada em região periférica e de pobreza, para que se possa pensar ações que permitam uma nova possibilidade de atuação dentro desse contexto escolar.

A pesquisa-ação foi entendida como metodologia dentro da pesquisa qualitativa, pois é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1986; Gil, 2008). Essa cooperatividade é o ponto chave para que as temáticas que serão discutidas possam apresentar um novo panorama para o entendimento das dificuldades enfrentadas pelos sujeitos desta pesquisa, destacadamente quando pensamos no processo de vulnerabilidade em que estão inseridos.

Optamos pelas rodas de conversas entendendo que esse instrumento de coleta de dados permite aproximações com os participantes da pesquisa (Melo, 2014). As rodas de conversas giram em torno de expressões, diálogos e o saber escutar o outro e a si mesmo. O principal objetivo é provocar a interação, expressão e, o mais importante, a autonomia por meio de conversas informais, trocas de experiências, discussão, construção e divulgação coletiva de conhecimentos, que são fatores importantes dessa prática.

As rodas de conversa emergem como uma forma respeitosa de fazer a pesquisa, pois a sua intencionalidade está em ouvir os participantes e construir o conhecimento com os jovens.



Entendemos que essa metodologia possibilita o diálogo, representando a possibilidade de partilha dos saberes. A coleta por meio das rodas de conversa permite a interação entre os atores da pesquisa, ela não é um processo diretivo e fechado, mas uma discussão focada em tópicos específicos nos quais os participantes são incentivados a falarem sobre suas opiniões sobre o tema de interesse. (Iervolino; Pelicioni, 2001).

Buscamos compreender como os estudantes matriculados no 9º de uma escola católica e privada, sem fins lucrativos, da Região 5, território periférico e marginalizado, situado na Grande Terra Vermelha/Vila Velha/ES, entendem a própria condição social, vivenciada em contextos empobrecidos, e de que forma elaboram suas identidades. Os principais eixos temáticos que nos direcionaram para esse entendimento atravessaram as temáticas da Pobreza, Juventude, Educação e Identidades Juvenis.

A educação é um dos aspectos mais afetados pela pobreza, mas ao mesmo tempo a escola tem se constituído um espaço de perpetuação desse fenômeno. Não dar a devida centralidade à pobreza, como elemento capaz de comprometer as bases materiais do viver humano, tem levado o pensamento social e pedagógico tradicional a desconsiderar, em grande medida, as carências materiais que chegam às escolas e a se preocupar prioritariamente com as consequências morais e intelectuais da pobreza.

A forma como os pobres são vistos e retratados pelo poder público e pela mídia, caracterizando-os como violentos, imersos nas drogas e no tráfico, faz com que as políticas públicas sejam voltadas, muitas vezes, para um aspecto corretivo. Assim, a discussão da pobreza fica mascarada pela questão educacional, descolando-se o viés da perspectiva econômica, social e política (Arroyo, 2015)

Essa visão estereotipada acaba por afetar muito os jovens em sua construção, pois a juventude é marcada por uma busca constante de



identidade e pertencimento. Durante esse período, os jovens estão envolvidos em processos de construção de significados, explorando suas próprias identidades em meio a um cenário social dinâmico. As identidades juvenis são moldadas por uma variedade de elementos, incluindo gênero, etnia, classe social, orientação sexual e experiências culturais.

As interações com grupos de pares, a mídia e as instituições educacionais desempenham papéis cruciais na formação dessas identidades. Além disso, as transformações globais contemporâneas, como avanços tecnológicos e mudanças econômicas, têm impacto direto nas percepções e expressões da juventude. Compreender as identidades juvenis é essencial para abordar questões sociais relevantes, promover a inclusão e criar ambientes que permitam aos jovens desenvolver um senso de pertencimento e agência em um mundo em constante evolução.

Segundo Dayrell (2003), é um momento onde os jovens se descobrem, crescem em seus aspectos emocionais e desenvolvem suas identidades. É nessa fase da vida que eles buscam compreender quem são, quais os valores que permeiam suas vidas, quais são seus objetivos e interesses.

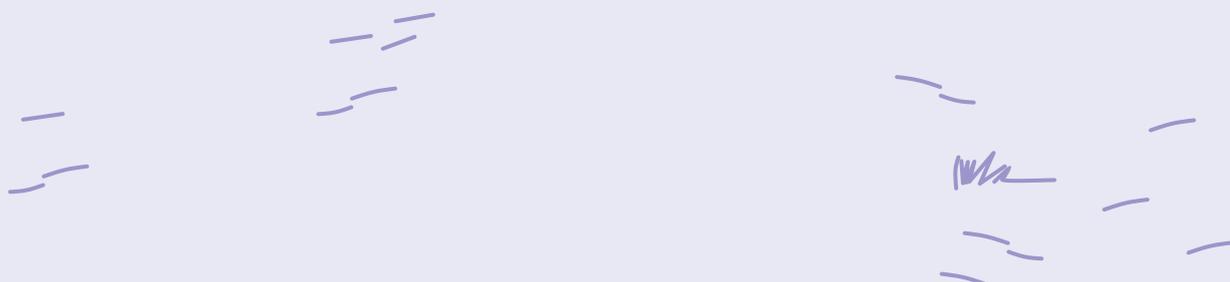
Considerando os aspectos apontados, refletimos sobre as experiências vivenciadas pelos jovens em contextos de pobreza, de negação de direitos, e em como interferem na constituição da identidade juvenil. Quando pensamos na construção das identidades de sujeitos empobrecidos, é relevante levar em consideração que o território se estabelece como um fator social nessa construção. A construção das identidades juvenis em contextos empobrecidos é um fenômeno complexo, intrinsecamente ligado às condições socioeconômicas adversas que moldam as experiências dos jovens. Nesses contextos, as limitações financeiras frequentemente influenciam não apenas nas oportunidades tangíveis disponíveis, mas também permeiam as percepções de autoestima e autoeficácia dos jovens.



A partir das reflexões construídas, consideramos que as identidades juvenis se constituem diariamente, por meio de experiências, observações e relações que são estabelecidas entre jovens e seus pares, entre jovens e outros sujeitos, possibilitando que suas identidades sejam elaboradas, estabelecidas e fundadas pelas vivências sociais e por todas as experimentações nesses territórios

Após esse panorama para entender todos os possíveis cenários que estaríamos vivenciando, dentro das nossas rodas de conversa, apresento, em seções, todos os movimentos que fizemos com os estudantes, a fim de buscar as respostas para os objetivos da pesquisa que foi feita durante o mestrado, com o intuito de possibilitar a todos os agentes que fazem parte da comunidade educacional e aos que buscam entender as juventudes em situação de pobreza e suas constituições de identidade, a percepção que esses estudantes têm acerca de si mesmos, como suas observações e vivências atravessam a formação das suas identidades juvenis.

PARTILHANDO OS SABERES





COLABORADOR(A)

Prof^a Dr.^a Renata Duarte Simões. (Orientadora)

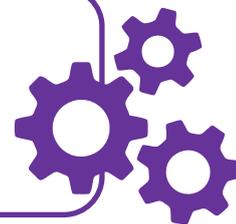
OBJETIVOS



Compreender a percepção dos jovens sobre a temática da pobreza; entender como esses jovens se percebem; discutir a pobreza como um fenômeno multifacetado.

METODOLOGIA

Análise do clip “Canção Infantil” de Mc César, roda de conversa acerca da temática, produção livre do tema discutido.



Esse encontro buscou entender como os estudantes percebem a pobreza e seus aspectos. Para além desse entendimento, compreender como os atravessamentos desses aspectos agem diretamente na construção de suas identidades.

A pobreza é uma realidade social complexa e multifacetada que afeta milhões de pessoas em todo o mundo. Ela transcende meramente a falta de recursos financeiros e engloba a privação de condições básicas para uma vida digna,

como acesso à educação, saúde, moradia adequada e oportunidades de emprego. A pobreza pode ser resultado de uma série de fatores interconectados, incluindo desigualdade econômica, falta de acesso a serviços básicos, discriminação e exclusão social.

[...] a pobreza, como um fenômeno estrutural e complexo, de caráter multidimensional e multifacetado, não [pode] ser considerada como mera insuficiência de renda, mas também desigualdade na distribuição da riqueza socialmente produzida, não acesso aos serviços públicos básicos, à informação, ao trabalho digno, à participação social e política. Cararo (2015, p. 141)

Para estabelecer um momento de aproximação a professora Renata Simões iniciou sua fala sobre sua experiência como docente, respondendo perguntas dos alunos, possibilitando, assim, que os alunos se sentissem à vontade na partilha das opiniões e percepções.

Após esse primeiro momento de aproximação, a professora Renata convidou os estudantes a assistirem o clip da música “Canção Infantil”, do cantor Cesar MC. Alguns estudantes já conheciam o trabalho do artista, relatando até que o mesmo já havia estado na escola, conversando com eles sobre o trabalho musical.

Baseado nos referenciais teóricos que têm norteado nossos estudos, buscamos entender a pobreza com um aspecto mais amplo e muito próximo da nossa realidade. Uma aluna diz: “fala muito da realidade do nosso país” (B, 2023), há nessa resposta da aluna uma visão de que a pobreza é algo distante da sua realidade.

Há, nesse momento, o relato dessa aproximação da realidade desses estudantes com a situação apresentada pelo artista no clip. “ontem mesmo, mataram um cara aqui no bairro e teve toque de recolher” (L.F., 2023).

A violência que se faz presente na vida desses jovens, segundo Cararo (2015), não pode ser entendida como resultado imediato da condição de pobreza, mas a negação de direitos, a ausência de oportunidades e a ineficácia do poder público em alcançar esses sujeitos influenciam nas escolhas que fazem ao longo da vida, em busca de melhores condições de existência e de

transformação da própria realidade. A sedução da criminalidade disfarçada de possibilidade de ter o que almejam cerca esses jovens diariamente e resistir nem sempre é uma opção.

A ausência de direitos que é uma marca da pobreza começa a ser vista na fala desses alunos, não apenas a ausência de renda. Podemos ressaltar o primeiro artigo da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948) que, ao afirmar que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos [...]”, consolida o entendimento que todas as pessoas são livres e possuem os mesmos direitos. No entanto, os estudantes já percebem que mesmo dentro do território de vulnerabilidade social em que vivem, onde eles, supostamente, vivem em situação similar, há uma situação de desigualdade.

Uma outra aluna faz um apontamento que mostra o quanto esses estudantes conseguem perceber a desigualdade em que vivem e as suas razões: “a concentração de riqueza acaba, também, ajudando na marginalização. Em alguns casos é a falta de opção né, tem gente que tem que fazer coisas absurdas para poder se manter viva, ter dinheiro e ter condição básica de viver” (T., 2023). Nesse momento, questionamos a aluna sobre o que quer dizer com “coisas absurdas”, ao que responde: “tem gente que se envolve no crime, as drogas, é o exemplo mais fácil que tem” (J., 2023).

Muitas temáticas atravessaram nossas discussões, as percepções sobre pobreza, território, vulnerabilidade e desigualdade começam a fazer sentido para os estudantes quando eles começam a entender que essa situação que estão submetidos diariamente são marcas dos territórios empobrecidos.

“É... sobre as escolas, ano passado eu estudava “numa” escola pública, e várias vezes eu fiquei sem aula porque teve tiroteio, questão de gangue. Perto da minha escola, umas duas ruas só mais ou menos de distância, tem uma boca de fumo e lá teve vários tiroteios com a polícia, teve polícia que ficou rodeando a escola pra ter aula, várias coisas desse tipo” (J. 2023)

A professora chama a atenção dos alunos para as questões do território, usando a fala do jovem de que a polícia ficava rodeando a escola para garantir as aulas. Ela questiona se eles acham que a polícia também fica em escolas situadas em regiões não periféricas. A resposta dos estudantes é que não. No

entanto, há uma colocação feita pelos jovens de que a presença da polícia nesse território não é a garantia de segurança.

Quando pensamos nos nossos objetivos de procurar entender como esses estudantes se percebem, observamos que a visão deles ainda não se constitui no sentido de compreensão da pobreza em seu caráter macro, para além da ausência de recursos. A não possibilidade de acesso aos direitos básicos passa a ser uma percepção de privilégio, afetando, assim, a própria cidadania, que é um arcabouço de direitos e deveres que são pertencentes aos residentes de uma nação.

Essa sensação de injustiça por parte dos jovens gera um desabafo, como um grito preso na garganta, dizendo à sociedade que eles também têm direito a uma vida digna, também é percebido nos trabalhos que os jovens fizeram a partir das nossas conversas. A aluna B traz um poema que retrata o sentimento de tentativa de superação da realidade em que é submetida. Em conversa com a estudante buscando entender as razões para esse texto vir com essa potência, em diz: “às vezes, professor, tenho a sensação que nasci para o fracasso. Sou pobre, lésbica, minha família não me aceita, preta, gorda e não tenho lugar nessa sociedade, mas vou mostrar que posso vencer”.

“Mais um enquadro nação
 Sem saber se daqui vou para a prisão
 Nasci no alto do morro
 E querem que eu sonhe baixo?
 Acho, que a tal bala perdida vai me achar
 Como eu, negra e pobre, poderia me calar?
 Policiais matando gente justa
 Sem culpa, a qualquer custa
 A tal vítima dá um tiro do bem
 Em um suspeito que não fez nada de mal
 E ele ainda é o vilão do jornal
 O racismo é o maior câncer estrutural
 Romantizar a pobreza na favela
 É desvalorizar
 O trabalho de uma mãe solteira
 E sem cessar, o rico não para de reclamar
 Nunca sentem nossa dor
 E na revolta querem nos calar
 Dizem da vida ser a favor
 Mas enquanto morremos
 Não levanta a voz para protestar

E em meio a tanta injustiça
Percebo que a vida não é uma maravilha
Mas enquanto bala perdida não me achar
Eu ainda vou sonhar”
(B. 2023)

O texto de B. traz uma visão macro das facetas da pobreza. A aluna aborda, a partir do seu sentimento de injustiça e desigualdade social, a violência, a falta de oportunidades, a sobrecarga do trabalho feminino, a ideia de romantização dos territórios periféricos e a impossibilidade de sonhar dos sujeitos em situação de vulnerabilidade

As rodas de conversa nos possibilitaram ver, através das falas dos nossos jovens que a pobreza exerce uma influência profunda na formação da identidade juvenil, moldando perspectivas, aspirações e experiências de vida de maneiras complexas e duradouras. Para muitos jovens em situação de pobreza, suas circunstâncias econômicas não apenas limitam suas oportunidades materiais, mas também impactam profundamente sua autoimagem e senso de autovalorização.

A pobreza não determina unilateralmente a identidade juvenil, mas exerce uma influência profunda e multifacetada sobre como os jovens se percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Reconhecer essas dinâmicas é crucial para desenvolver políticas e intervenções que apoiem o desenvolvimento integral dos jovens, independentemente de suas circunstâncias econômicas, promovendo uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Mais um enguadno noção

Sem saber se daqui vou pra prisão

Nasci no alto do morro

E querem que eu sonhe baixo?

Acho, que a tal bala perdida vale me achar

Como eu, negro e pobre, poderia me calar?

Policiais matando gente justa

Sem culpa, a qualquer custo

A tal vítima da um tiro do bem

Em um suspeito que não fez nada de mal

E ele ainda é o vilão do jornal

O racismo é o maior câncer estrutural

Romantizar a pobreza na favela

É desvalorizar

O trabalho de uma mãe solteira

E sem cessar, o rico não para de reclamar

Nunca se tem nossa dor

E na revolta querem nos calar

Dizem da vida ser a favor

Mas enquanto morremos

Não levanta a voz pra protestar

E em meio a tanta injustiça

Percebido que a vida não é um maravilha

Mas enquanto a bala perdida não me achar

Eu ainda vou sonhar



II TEMÁTICA

COLABORADOR(A)

Genebra (músico do estilo Trap da região 5)

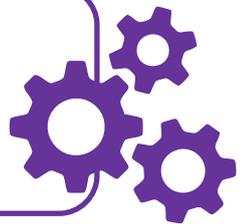
OBJETIVOS

Compreender a percepção dos jovens sobre a temática da pobreza e sua relação com as vertentes culturais; entender como a música de periferia representa os jovens em contexto empobrecido; discutir a cultura juvenil como instrumento de denúncia social.



METODOLOGIA

Análise do clip “Plano de vida” de Genebra, roda de conversa acerca da temática, produção de uma canção a partir do tema discutido.



O compartilhamento de experiências é potencializado quando entendemos que esses jovens trazem consigo saberes que também precisam ser considerados na escola enquanto espaço do diálogo e do convívio com a diversidade. Dumke (2013, p. 70) pontua que “o diálogo é a contribuição para a construção da identidade das juventudes quando se coloca como espaço de transformação social, onde professor e aluno constroem e aprendem juntos”.

Por compreender a importância do diálogo com os alunos, seguimos para a realização da segunda roda de conversa, que teve como foco pensar a influência dos territórios na produção das identidades juvenis. Os territórios onde os jovens estão inseridos ajudam nessa construção, pois ali acontecem as relações com seus pares, eles experimentam momentos de lazer, geralmente percorrem a trajetória escolar e consolidam suas vivências.

O território é produzido por atores através da energia e da informação, ou seja, da efetivação, no espaço (...), das redes de circulação-comunicação, das relações de poder (ações políticas), das atividades produtivas, das representações simbólicas e das malhas. É o lugar de todas as relações, trunfo, espaço político onde há coesão, hierarquia e integração através do sistema territorial. (SAQUET, 2009, p.79).

Para esse encontro, convidamos um ex-aluno da escola de ensino médio da região 5 EEEM Mário Gurgel, que ainda reside nesse território e que adotou o nome artístico de Genebra, ele está envolvido no cenário da música trap da região.

Genebra, que tem um canal no YouTube e mora na região da Grande Terra Vermelha, conversou com os jovens sobre a cultura desse estilo musical que eles tanto acessam. Essa manifestação cultural do trap pode contribuir para fomentar reflexões sobre os modos de vida e produção de identidades juvenis em territórios empobrecidos, pois, em sua origem, é denunciatória de situações de preconceito, desigualdade e, não apenas isso, também é utilizada como meio de reivindicação de direitos e de transformação social para garantia de uma vida mais digna para todos. Nessa etapa, os participantes foram estimulados a conhecer e experienciar as letras para que pudessem refletir sobre as próprias identidades, sobre seus anseios e esperança em um futuro melhor, em uma sociedade mais igualitária.

O encontro com os estudantes foi muito esperado, ele chega com uma camisa do Flamengo o que já é um bom quebra-gelo com os alunos nessa primeira discussão sobre futebol. Ele se apresenta, fala da sua trajetória, os alunos se surpreendem quando descobrem que ele mora na região da grande Terra Vermelha. A roda de conversa com Genebra foi iniciada com a exposição do clipe da música “Plano de Vida”, que retrata a própria vivência do cantor. Após a exibição do clipe, ele conversou com os alunos acerca das motivações

e intenções da canção, relatando que esse estilo surgiu da necessidade das pessoas da periferia se manifestarem, expressarem suas ideias, assim como as pessoas de outros territórios, na luta por condições de vida mais justas para si e para suas famílias.

Uma frase pronunciada pelo artista provocou o debate que logo recebeu ampla adesão dos alunos: “o sonho do moleque da periferia é dar uma casa para a mãe, um carro para o pai, ter aquilo que é 'pouco' para alguns, mas para nós é 'muito'”. Um pensamento muito comum entre os alunos participantes da pesquisa é o de mudança de vida por meio da ampliação da renda, do ganho financeiro, o que possibilitaria também a mudança de vida para os familiares: “eu quero ter dinheiro para dar à minha mãe uma vida melhor, ela fez tanto por mim, quero retribuir um pouco pra ela tudo que ela fez” (Y. 2023)

Buscando trazer um outro olhar dos alunos que fosse além dos aspectos negativos da pobreza, Genebra começa a fomentar uma discussão em relação aos desejos dos jovens. Não estamos aqui dizendo que há um aspecto positivo da pobreza, apenas entendemos que esses sujeitos precisam se reconhecer dentro desse contexto e criar possibilidades de transformação da própria realidade. Sob essa ótica, olhar para o futuro com o sentimento de transformação é muito importante para que esses jovens consigam ter uma nova perspectiva para suas vidas. Essa perspectiva busca olhar os territórios em sua totalidade, pois, como afirma Crepop (2008, p. 15), precisamos estar atentos às potencialidades e às vulnerabilidades instaladas nas comunidades, nos territórios, onde as famílias estabelecem seus laços mais significativos.

A partir da proposta de Genebra, quando os jovens foram perguntados como seria a música que refletiria os seus sonhos, não conseguiram pensar em nada. Ouvimos várias falas como: “ixi, não sei”, “acho que a minha seria uma denúncia mesmo”, “eu não tenho sonho que pudesse ser uma música”. Assim, identificamos outro efeito da pobreza macroestrutural (Cararo, 2015), a eliminação de sonhos dos jovens empobrecidos, gerando a incapacidade de sonhar com um futuro melhor, a dificuldade de perceber uma nossa condição social, diferente da que vivenciam

Essa marca territorial atravessa esses jovens que se sentem incapazes pelo

simples fato de viverem em uma região periférica. A sensação da falta de oportunidade traz revolta e abre possibilidades para ingressarem nos caminhos de criminalidade. “O sentimento de fracasso que acompanha o jovem que procura trabalho remunerado e não consegue representa uma porta aberta para a frustração, o desânimo e também a possibilidade do ganho pela via do crime”. (Dayrell; Gomes, 2014, p. 6). Esse desânimo e frustração que são abordados pelos autores, se personifica nesses jovens diante das desigualdades, preconceitos e falta de oportunidades. A aluna B. traz um desabafo que expõe essa realidade:

Eu cresci e minha mãe sempre falou, tipo, você é negra e tem que arcar com isso, porque é estrutural, sabe, coisas do tipo que a gente pauta muito, a pobreza, tipo, as coisas que a gente tem que melhorar na vida, mas o racismo é algo muito estrutural, é uma coisa que já está engajada na sociedade, é preciso falar sobre isso, para tentar mudar essa realidade (B. 2023)

Como pontuamos anteriormente, o território está em constante construção e, assim, as músicas vão se construindo a partir da vivência desses sujeitos. E os jovens se veem representados nelas, pois elas nascem das vivências periféricas.

A aluna A.C chama a atenção para mais uma faceta da pobreza que é a invisibilidade,

A música do Genebra passa uma ideia que eu acho que todo mundo aqui sente, é difícil pra mim, pro S. e pro N. que “joga” bola ter a mesma visibilidade daqueles que estão lá em cima, um playboy que está lá em cima consegue ter essa visibilidade que a gente não tem aqui. É raro um olheiro vir aqui, fazer teste aqui na nossa região, então é muito difícil (A.C., 2023)

A fala de A.C. nos atravessa ao nos depararmos com o triste fato de ser parte de um território que é invisível para a sociedade. A elite dominante precisa desses sujeitos empobrecidos para que o ciclo da riqueza se perpetue entre aqueles que detêm essa condição abastada. No entanto, a existência desses sujeitos é invisibilizada pelo simples fato de estarem inseridos nesses territórios empobrecidos.

Apesar de ser um lugar cheio de estigmas, esse é o lugar de existência e resistência. É o lugar de vivência e sobrevivência, é um lugar de lutas, mas

também de vitórias e acima de tudo, é um lugar onde se constroem e se desconstroem, pois como Mendes e Donato (2003) nos aponta o território está em constante mudança, permitindo, assim, que seus habitantes se construam a partir das vivências que eles têm.

“A vida do “meno” na periferia”

Dinheiro gera desigualdade
 A falta de cultura pro meno na sociedade.
 Muitos sonham com uma bola
 Mas na realidade muitos bolam,
 Cheiram e outros até morrem.
 Meninas sonham em ser atriz,
 Mas na favela a menina raiz,
 Não é aquela que faz meno aprendiz, e,
 Sim aquela que tem uma gravidez na adolescência
 Na burguesia, nada dessa realidade ser ve,
 A patricinha anda de Iphone 15,
 Enquanto o boyzão tem PS 5,
 E os meno da periferia, trafica e
 Porta glock e pistola
 E os patrícios julgam pelo olhar
 mas não sabe da metade que se passa na favela
 nossa diversão é dar tiro pro alto
 e proteger os morador, não ser protegido
 por esses policia matador.
 (A. 2023)

Algumas palavras, nesse texto nos chamam atenção quando pensamos nas características trazidas pelo estudante na sua percepção desse espaço periférico. Como uma nuvem de palavras podemos destacar: “*desigualdade, sonho, realidade, diversão, proteger*”. O campo semântico desigual das palavras é refletido no olhar simples de um jovem que denuncia o cenário territorial de sujeitos que estão envoltos nessas dificuldades.

Vimos que a música que faz parte da vida desses sujeitos também é uma marca territorial, pois representa a identidade da comunidade. Ela está ali presente, e não somente ali, pois temos visto os gêneros periféricos se espalharem por ambientes de elite, para ser uma voz que diz para toda sociedade que a periferia resiste com identidade, com cultura, com direitos, com luta. Essa voz, ao ser ouvida, precisa mostrar que as regiões periféricas,

tão estigmatizadas, são muito mais do que violência, drogas, crime e pobreza. A sociedade precisa entender, como aponta Sposati (2006), que o território é dinâmico, constituindo-se como uma topografia social, assim, refletir sobre as possibilidades existentes no território é bem mais complexo do que definir sua área, devendo-se considerar o conjunto de forças e dinâmicas que nele operam.

Essas forças dinâmicas que operam nesse ambiente tão diverso e marcado pela situação de pobreza, retiram de nossos estudantes a possibilidade do sonho, a perspectiva de uma transformação social e dificulta esses sujeitos a se perceberem como cidadãos de direitos. No entanto, precisamos ver esse território como um ambiente de possibilidade de transformação com a perspectiva dos jovens de, através da educação, poderem mudar a sua realidade trazendo para sua própria comunidade uma realidade diferente da que eles vivenciaram, possibilitando que sejam enxergados como cidadãos do mundo



MC ROMÉU

"Não quero
essa vida, MC HARTIEL
querer a vida
para a sociedade."

Ainda do meno na Periferia!

NEGÃO
B. SA
L

MC PAULIN
DA CAPITAL

MC LIPI

MC RAMON

MAIO BROWN

RAVENA

Devera ser
do contrário
mas o meno
tem pensa-
mento de ma-
do!

L7MMON

BOLA
POR
MACONHA

Dinheiro gera desigualdade
a falta de cultura pro meno na sociedade.

Muitos sonham com uma bola
mas na realidade muitos bolam,
cheiram e outros até morrem.

Meninas sonham em ser atriz, mas
na favela a menina raiz, não é
aquela que faz meno aprendiz, é
sim aquela que tem uma gravi-
dez na adolescência, na burguesianada

MC MARK

Perdi um
gts por esse
"Proja" e
no sistema
não é não

SALVADOR
DA
RIMA

dessa realidade serber, a patri-
cinha, anda de iPhone 15, enquan-
to o boyzão tem P55

MC KE



é os meno da periferia, trafica e
pontra Glock e pistola, e os patrios
julgam pelo olhar mas não sabe da
metade que se passa na favela

Perda
que dão
revoltas.

CESAR MC

nossa diversão é da tiro pro alto, e
proteger os morador, não ser protegi-
do por esses policia matador.

EMICIDA

PRO JOTA



III TEMÁTICA

COLABORADOR(A)

Prof. Dante Leonardo (pesquisador)

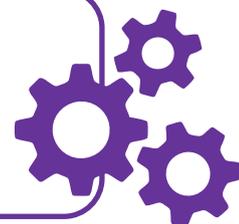
OBJETIVOS



Compreender a percepção dos jovens sobre o ciclo geracional da pobreza; analisar a relação da educação com a possibilidade de quebra desse ciclo; discutir o papel do território como estereótipo de desigualdade. E como construção de identidade.

METODOLOGIA

Análise do curta “Vida Maria” dirigido por Márcio Ramos, roda de conversa acerca da temática, produção de uma ilustração a partir do tema discutido.



A educação é um dos aspectos mais afetados pela pobreza, mas ao mesmo tempo a escola tem se constituído um espaço de perpetuação desse fenômeno. Não dar a devida centralidade à pobreza, como elemento capaz de comprometer as bases materiais do viver humano, tem levado o pensamento social e pedagógico tradicional a desconsiderar, em grande medida, as carências materiais que chegam às escolas e a se preocupar prioritariamente com as consequências morais e intelectuais da pobreza.

Entendemos que a escola é pensada como lugar onde é depositada a responsabilidade da solução de um problema muito maior que fica reduzido a uma visão educacional (Arroyo, 2015, s.p.). Para Gomes (2021, p. 9),

[...] educação e pobreza vêm caminhando lado a lado desde o início dos tempos. No limiar deste caminhar, existe quem defenda que a educação é condição necessária para a superação da pobreza, outros defendem que ela sozinha não dará conta de toda a complexidade que perpassa o trilhar dos caminhos do pauperismo.

Ao mesmo tempo que a escola tem a possibilidade de oferecer um ambiente de transformação social, ela, muitas vezes, é atravessada pela realidade dos contextos empobrecidos, fazendo com que o aspecto da pobreza seja um obstáculo para o acesso a uma educação de qualidade.

Pensando a respeito dos objetivos para esse encontro, lançamos mão da animação *Vida Maria*, dirigido por Marcio Ramos. A animação é um curta-metragem produzido em computação gráfica, que traz a história da jovem Maria. Ela tem de deixar seu sonho de escrever para poder trabalhar e ter sua família. O que chama a atenção é que a história ocorrida no sertão retrata a vida de muitas pessoas, mesmo que vivam numa cidade grande, fazendo uma analogia do sertão com os contextos periféricos.

Na história, as personagens, todas têm o nome de Maria, a cada filha, uma nova Maria é retratada no mesmo cenário como um ciclo que não é rompido. As vidas de Maria José, Maria da Conceição, Maria das Dores, Maria de Lourdes, dentre outras, demonstram um ciclo vicioso que perpetua a pobreza. No início do curta, uma das Marias, ainda criança está na janela de sua casa, escrevendo seu nome no caderno quando sua mãe a chama para ajudar nas tarefas de casa. Nos chama atenção quando ela diz: “em vez de ficar aqui perdendo tempo desenhando nome, vai lá para fora arranjar o que fazer, tem um pátio pra varrer [...] Ramos (2006), pois o curta mostra a percepção da educação como uma perda de tempo em regiões de vulnerabilidade.

No início da conversa, convidamos os estudantes a assistirem à animação. Com isso, pedi para que tivessem um olhar atento para os detalhes do curta, pois ele é cheio de representações. Ao final, pedi que me dissessem em uma palavra como eles definiriam o filme. A nuvem de palavras começa a surgir:

ciclo, desigualdade, educação, geração, conformismo. Todas essas palavras que os estudantes usam para a definir a percepção que tiveram, também poderia definir a situação do ciclo geracional de pobreza a que estão submetidos.

A educação é uma possibilidade de mudança de futuro. Sob essa análise, quando essa educação é retirada, há, então, a perpetuação do ciclo geracional da pobreza. É de suma importância então que a educação seja pensada a partir dos sujeitos, levando em consideração suas identidades, características, territórios e necessidades. A educação de forma homogênea apenas contribui para a expansão do abismo que há entre os ricos e a classe pobre no Brasil.

A educação como é colocada hoje, não concede espaço para a diversidade de realidades vividas por crianças e jovens, que em muito conformam suas identidades. Por isso, como bem ressaltam Dayrell (2003), Sarmiento (2003) e Abramo (2005), devemos falar de juventudes no plural para não esquecermos as diferenças e as desigualdades que perpassam as suas condições de vida.

Um aspecto amplamente citado ao longo do debate foi a precariedade do ensino na escola pública. Muitos alunos estão na EMCTV desde o 6º ano do EF II, provenientes da escola pública. O que é visto é uma grande dificuldade de adaptação dos jovens em relação às disciplinas que são ofertadas na escola. Há uma fala generalizada de que é muito “puxado”, que eles não estavam acostumados com tanta cobrança. Alguns alunos, mesmo que em um número pequeno, acabam desistindo da bolsa e voltam para escola pública, outros poucos são retirados pelos próprios pais por acharem que a carga educacional é muito pesada, o que dificulta o jovem de trabalhar.

Considerando que a educação é colocada em segundo plano para esses sujeitos periféricos, podemos compreender as falas de alguns alunos quando afirmam que estudar na EMCTV é um privilégio, que ali eles têm uma oportunidade que muitos outros estudantes da comunidade não têm. A fala de Y., nessa terceira roda de conversa, explicita tal compreensão: “estar nessa escola é uma possibilidade de mudança, pois temos um conhecimento mais elevado que permite que a gente faça as provas que ajudam a gente a passar nos vestibulares” (Y., 2023)

Sabemos que há um cenário de perpetuação da pobreza através da escola. Um ensino nivelado por baixo, onde não considera os territórios, onde o corpo docente não tem formações continuadas acerca da pobreza e desigualdade social a fim de entender os territórios onde estão inseridos, cujas práticas pedagógicas não são emancipatórias, mas sim um sistema bancário de conteúdo.

O que podemos inferir, de modo geral, é que a escola encontra dificuldade de dialogar com os jovens das periferias, tornando-se desinteressante, a escola não fala da realidade periférica dos estudantes. Dayrell (2007, p. 1119) critica esse sistema de ensino em que, quando o jovem adentra a escola, “deixa a sua realidade nos seus portões, convertendo-se em aluno, devendo interiorizar uma disciplina escolar e investir em uma aprendizagem de conhecimentos”.

Diante de tal cenário, muitos desistem e partem para o trabalho dentro da própria comunidade, nos pequenos comércios, fazendo “bicos” para ajudar em casa: “meu padrasto estava sem trabalho e minha mãe como está grávida não está trabalhando, sem nenhum jeito de conseguir dinheiro, aí eu tava tentando sair da escola para conseguir um trabalho” (J. 2023). Afastados da escola e colocados em subempregos, os jovens vão se construindo com baixa autoestima, se enxergando como sujeitos incapazes, fadados ao fracasso. Assim é a pobreza, multifacetada, que vai para além da ausência de recursos, que retira os jovens da escola e faz com que perca oportunidades de uma mudança social. Vale retomar a discussão de que a construção de identidades desses jovens ganha forma nos movimentos da vida, assim como dentro da escola.

Perguntei aos estudantes sobre a vida acadêmica dos pais, cerca de 15 % da turma disse que os pais concluíram o ensino superior. Dentre os cursos, foram destacados Educação Física, Gastronomia, Pedagogia, mas em sua grande maioria os pais não chegaram a finalizar o ensino médio. O estudante N. fala sobre esse peso que carregam:

“os nossos pais estão querendo depositar essa confiança para poder quebrar esse ciclo, e temos que justificar toda essa confiança pra fazer valer a pena a gente estar aqui, não somente estar aqui por acaso, eles não querem que a gente continue o ciclo de acabar o ensino médio, arranjar filho novo” (N. 2023)

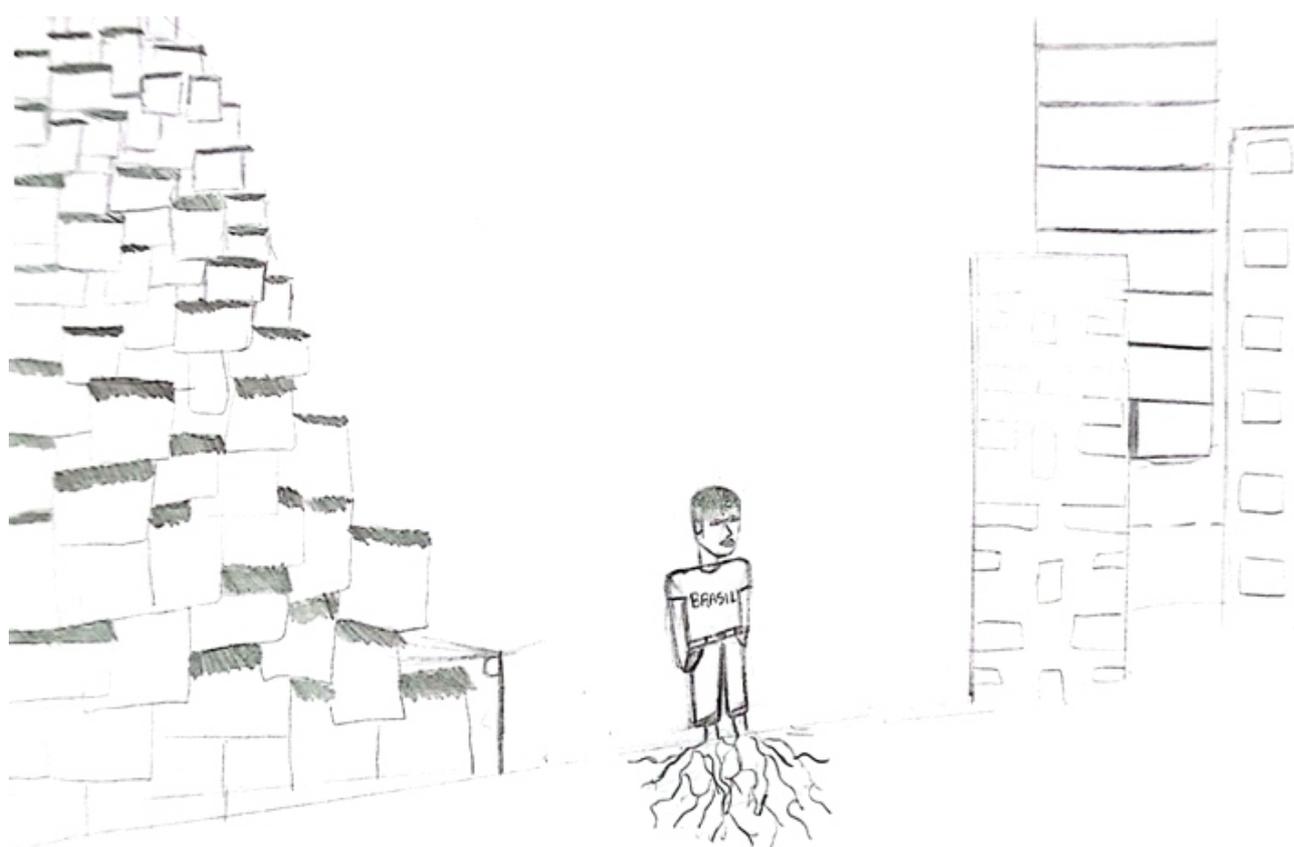
Para além do peso familiar, há também o peso da própria instituição sobre os estudantes. Alguns alunos relatam as falas que ouvem por parte da escola quanto se pensa nos rendimentos e comportamento dos estudantes. A aluna T. exemplifica essas falas:

“eu acho que eles não dão muita consideração para a nossa realidade, se parar para ver, eles julgam tanto as escolas de fora, ahhh, se você quer brincar é melhor você ir para o EPG, eu acho que eles tinham que passar esse reconhecimento para a gente, como eles estão no alto e não tratar dessa forma. Gente, eu acho que os funcionários, não todos eles desmerecem muito as escolas de fora, sem ver, sem estar lá dentro e dizer que a escola é ruim só por ouvir boatos, não é porque aqui tem um ensino melhor que ela é a melhor escola do mundo, não é! E por sinal, na minha opinião o Marista não tá como antes, o Marista já foi melhor, hoje em dia o Marista só tem nome pra mim. A escola não está preocupada com o que a gente pensa, com as nossas necessidades, quando colocamos uma situação, quando nossos parentes tentam falar algo a escola não é acessível, mas quando um aluno faz algo, rapidinho eles conseguem falar com nossos pais, porque quando é assunto nosso fora da escola eles não ligam, mas quando é algo sobre a escola eles querem dar a justificativa sendo que eles mesmos não estão fazendo o trabalho deles” (T. 2023)

Essa colocação da estudante diz muito além do que um simples desabafo. Mostra que a pressão de estar em um espaço/escola que eles entendem que não foi pensado para eles é algo muito difícil. O que os estudantes percebem é que a escola Marista é para os ricos, muitos têm um sentimento de estarem em um lugar errado, que aquele espaço não lhes pertence. Vale aqui ressaltar e voltar no estigma do território. O nome Marista é um signo ligado à educação de qualidade, logo, uma educação para ricos. Quando esses estudantes dizem que estudam no Marista, a sociedade entende como jovens com uma boa educação, uma família bem formada e estruturada, inteligentes e com uma trajetória de sucesso já estabelecida.

Todavia quando eles relatam que estudam na EMCTV eles são automaticamente deslocados para um lugar de fracasso, de favor, bolsa e de não mérito. A força do território não permite que esses estudantes sejam vistos como jovens com possibilidades reais. Estudantes que lutam, que estudam, que tentam com muita dificuldade transformar suas realidades. Não somente quem está do lado de lá da comunidade. A fala de T. nos traz uma realidade de dentro da própria instituição muitos colaboradores não conseguem entender as nuances da pobreza na vida dos estudantes.

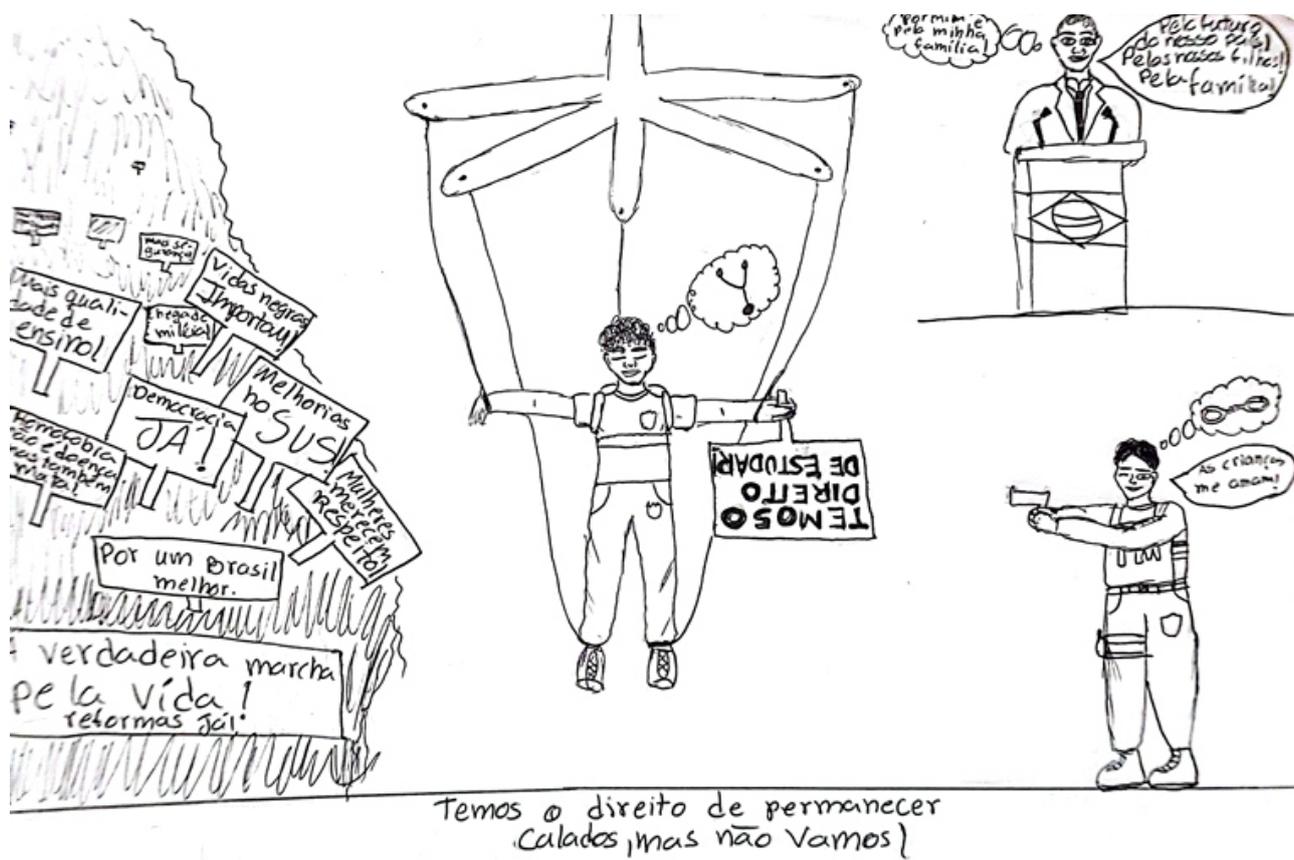
A partir dessa conversa, pedi aos alunos que fizessem uma ilustração sobre a temática da pobreza e da sua construção como sujeitos periféricos



Quando perguntei ao B. qual a intenção da ilustração, ele disse que entendia a própria condição social, que sempre almejou ter uma vida melhor, dar uma vida melhor para sua família, no entanto, a periferia, a condição em que ele vive é como se fossem raízes impedindo que ele se deslocasse. Por mais que ele soubesse que há uma possibilidade de vida melhor, achava que as condições de vida que tem agora não permitem essa mudança. Quis saber também o porquê da palavra Brasil na camisa do garoto. B. diz que quis retratar o que ele acredita não ser apenas uma situação da grande Terra Vermelha, mas sim de todo jovem que vive pelas periferias do Brasil afora. Ele disse que a realidade desses jovens faz parecer como se fossem um só, que todos lutam e esperam por uma vida melhor, mesmo sabendo que não é fácil mudar essa realidade.

Concordamos com Groppo (2004, p.17) quando afirma que “é possível dizer que a força e a fraqueza das juventudes modernas advêm desta condição de relação experimental com a realidade presente.” Por meio da ilustração, B. Mostra que tem vivenciado uma vida onde criou raízes em um território e que esse cenário não lhe permite avançar para uma transformação da sua própria condição. Aqui está a importância da escola nesse contexto empobrecido, a escola não tem uma missão messiânica, mas ela é lugar de construção de saberes, ela fomenta discussões, aponta caminhos para a transformação social.

Outro trabalho que me chamou atenção foi o da aluna H. (2023).



Muitas perspectivas temos nessa ilustração. A aluna nos conta do sonho de ser médica que deixa explícito na imaginação da jovem no desenho. Ela me conta que se sente uma marionete da sociedade e que desenhou uma jovem negra com uniforme escolar pelo fato de acreditar que a educação pode levá-la a alcançar seus objetivos. Todavia, entende que não depende só dela. H. disse

que trouxe uma ilustração para lembrar a época que a democracia estava sofrendo ataques.

Eu como mulher negra, homossexual, pobre vivi momentos muito difíceis. Meus pais são evangélicos e no governo de Bolsonaro tinha um discurso pela família, contra os negros, a polícia matava os pretos da favela e estava tudo bem, hoje as coisas melhoraram, mas acho que vamos demorar para sermos respeitados (H. 2023)

A frase que ela usa sobre o direito de ficar calado soa como uma forma de resistência da periferia. Ela sente como se o governo, a polícia, os ricos quisessem calar a voz da periferia, mas argumenta que não vão conseguir. Nessa direção, compartilhamos do pensamento de Hall (2005) de que os jovens vão se adaptando às suas realidades por um processo que é inerente à juventude: a constante transformação. Uma constituição de sua identidade juvenil maleável caracteriza a sua trajetória. A escola, como parte da vida desses jovens, quando está em contexto empobrecido, precisa ser mais do que um espaço de educação formal, precisa possibilitar ao estudante cortar as raízes que o prendem nessa realidade que parece intransponível, no entanto é transitória, pois entendemos que a educação é a mola propulsora que pode transformar esses sujeitos empobrecidos em sujeitos de direitos.



IV TEMÁTICA

COLABORADOR(A)

Prof. Dante Leonardo (pesquisador)

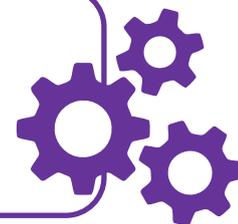
OBJETIVOS



Entender como a pobreza atravessa a construção identitária desses jovens; compreender como esses jovens periféricos enxergam a sua própria condição social e como o território interfere nessa construção social;

METODOLOGIA

Análise de partes do documentário “Pro dia nascer feliz” dirigido por João Jardim; roda de conversa acerca da temática, produção livre a partir do tema discutido.



Diante da problemática da pobreza, urge a necessidade de que a escola repense a sua conduta de adaptar todos os sujeitos ao mesmo padrão, mas que oportunize espaços onde as diferenças são bem-vindas e valorizadas, que transforme a vida dos sujeitos, que eduque para a vida e para além dela. Que seja ofertado um conhecimento que estabeleça relação de significado com a vida de seus alunos, uma escola que dê centralidade aos sujeitos, no plural, e

não apenas ao sujeito da classe dominante, uma escola que rompa com o discurso da meritocracia e que não se abstenha de sua função social (Gomes, 2021)

Para esse encontro, em que abordamos a temática a partir do entendimento de como a pobreza atravessa a construção de identidade e de como o jovem pode realizar o enfrentamento dessa condição, assistimos trechos do documentário “Pro dia nascer feliz”, lançado pelo diretor João Jardim, que mostra o cotidiano escolar de três estados brasileiros diferentes.

Partindo dessa premissa, buscamos mostrar para os alunos os vários preconceitos que figuram nos territórios empobrecidos. O documentário apresenta os cenários de escolas de três regiões do Brasil, uma delas localizada no Nordeste, mais especificamente sertão de Pernambuco, onde encontramos Valéria Fernandes, moradora de Inajá, mulher, nordestina, de pouco acesso à educação, estudante de escola pública. Iniciamos a roda de conversa com um trecho onde Valéria está em casa, com a mãe ao fundo e uma amiga ao lado e recita a poesia:

Eu poderia ser uma adolescente normal, se não tivesse uma família formada
 por onze pessoas
 Eu deveria ter sido uma criança normal, se não fossem as responsabilidades
 que eu cumpria
 Eu deveria gostar do que faço, se não fosse obrigada a fazer
 Eu deveria frequentar ambientes de lazer, se não tivesse que trabalhar
 Eu deveria reclamar, quando dizem algo que não gosto
 Se não tivesse inspiração para descrever cada situação
 Eu poderia reivindicar quando sou julgada injustamente
 Mas calo-me e a humildade prevalece
 Eu deveria ter uma péssima impressão da vida, se não fosse a paixão que
 tenho pela arte de viver (Fagundes, 2006)

Essa poesia de Fagundes, usa a arte como um instrumento de denúncia, como vimos na obra de MC Cesar, do cantor Genebra, assim como na animação Vida Maria. Valéria denuncia a falta de oportunidades às crianças e aos adolescentes que precisam trabalhar em vez de terem acesso ao lazer. Ela fala da injustiça que sofre por parte dos professores que não querem avaliar a sua poesia, pois acreditam que copiou de algum lugar, que não tem capacidade de escrever um texto com tanta profundidade.

R. acrescenta que, às vezes, os alunos cujo desempenho não é tão bom se sentem injustiçados por serem julgados como não esforçados o suficiente. Essas falas acabam por reforçar um sentimento de impotência que esses jovens empobrecidos carregam diante das grandes barreiras educacionais que se estabeleceram durante anos de sua trajetória.

Esbarramos aqui em um aspecto muito delicado e que temos pensado durante esse processo de pesquisa. Esses territórios empobrecidos estão agregados de muito *saber*. É vital que a escola entenda que a educação acontece em vários espaços, na rua, no trabalho, na família nos amigos, nas festas. Para além disso, essa educação não apenas forma, mas também constrói identidades, pois ela é cíclica, móvel e dinâmica. Se acreditarmos que educação é um sinônimo de escola estamos invisibilizando uma população que nunca teve oportunidade de estar em um espaço educacional formal e negando seus saberes.

Em diálogo com essa percepção dos estudantes de uma cobrança pessoal, institucional e familiar, pedi que os estudantes assistissem outro trecho do documentário onde Deivison, um jovem de 16 anos, expõe os problemas relacionados à vulnerabilidade social presentes nas escolas de periferia. Ele disse que já teve problemas com armas e que era visto como um causador de problemas na escola. O documentário mostra os professores em um conselho de classe decidindo o que fariam com o estudante: aprovar sem notas, reprovar ou deixá-lo de dependência¹. Deivison é aprovado, alguém pergunta a ele se isso é bom, rindo, responde que com certeza é, então um colega pergunta o que ele aprendeu em História, ele diz que não aprendeu nada. Sua expressão muda e ele se entristece como percebendo que a sua esperteza está mais para inocência.

Esse cenário vai se construindo na vida dos estudantes de escolas periféricas e, assim, majoritariamente, públicas. Os estudantes vão avançando sem nenhum aprofundamento dos conteúdos que são cobrados nos exames de grande escala e dessa forma se distanciando cada vez mais do ensino superior. Essa impossibilidade de uma graduação faz com que os estudantes sigam se

1. No âmbito educacional, o termo dependência escolar, abreviado frequentemente para "DP", é utilizado para se referir à situação na qual um aluno não consegue atingir a pontuação mínima necessária para ser aprovado em uma ou mais disciplinas durante o ano letivo.

construindo sob um viés onde estão fadados ao fracasso ou a trabalhos que não exijam tanto conhecimento acadêmico e por conseguinte, baixos salários que perpetuam o ciclo geracional na pobreza nesses territórios.

Após os alunos assistirem esse trecho do documentário, eu cito o artigo do ECA que fala sobre o direito à educação em seu **art. 53**. “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho [...]”. Os estudantes começam a trazer falas desse direito negligenciado. A estudante B. nos diz que:

por mais que esteja no estatuto da criança e do adolescente, é...a gente, tipo, não tem, eu posso falar não por mi, eu tenho uma condição boa, até legal, mas eu conheço muita gente...as escolas daqui, pública, não chegam aos pés do que o Marista tem a proporcionar para uma pessoa que está lá fora. Exemplo, eu estudei na escola estadual antes de vir para cá, eu não tinha aula, (rindo), eu não estudava, eu não sabia direito nem o que era pegar num caderno e eu passava de ano, como se eu tivesse feito alguma coisa, meus alunos que estudam em escola pública, não estudam, estudam, só vão para escola, fingem que “estuda”, brincam a aula inteira, vão pra casa e isso é normal. (Estudante B. 2023)

Essa realidade trazida pela estudante, dialoga com as cenas do documentário. Os estudantes vão se construindo a partir dessas experiências negativas que vão vivenciando. Ao entrarem em um cenário educacional diferente precisam passar por novas observações e esse outro cenário que agora é apresentado vai construindo essa outra juventude a partir dessas novas relações estabelecidas entre esses sujeitos. Com Bauman (2005; 2007), compreende-se que as identidades das juventudes são construídas em contextos sociais caracterizados como espaços líquido-modernos, onde as condições sob as quais agem seus membros mudam rapidamente, não havendo tempo para consolidação de hábitos e rotinas.

Os jovens se constroem no dia a dia, cada um com sua particularidade, com seu saber que advém de suas próprias experiências dentro da sociedade. Ainda que participem dos mesmos ambientes, que compartilhem os mesmos círculos de amizade na escola, os mesmos professores, cada um vai se constituindo a partir das suas observações. Isso é muito perceptível quando tentamos entender o porquê de determinado estudante ser mais próximo de determinado professor. São as construções de afetividade que se estabelecem

a partir das experiências vividas e observadas.

Os estudantes relatam os contrastes entre a educação pública e a educação Marista, entendendo que eles têm um privilégio que outros amigos deles na comunidade não têm. Eles não conseguem perceber que essa educação a que tem acesso apenas está de acordo com o ECA, que é um direito, a escola não está fazendo nenhum favor para os jovens, mas as multifacetadas da pobreza causam nesses estudantes uma percepção de favorecimento. A negação de uma educação de qualidade não é percebida por esses estudantes, pois se construíram, ao longo de sua trajetória escolar, como sujeitos que recebem pouco e como não possuem um padrão de qualidade, tomam o que recebe como algo valioso.

A estudante A. explica esse cenário,

A gente que está aqui desde o 6º ano não conhece mais essa realidade. Quando o pessoal chega e fala assim: e as aulas vagas? Quando o professor falta tem aula vaga, a gente, que isso? Porque aqui a gente não sabe o que é aula vaga, mas tipo, quando eu estudava na pública, o professor passava atividade no quadro e quando a gente tinha alguma dúvida, em vez de explicar, ele só colocava a resposta no quadro e a gente copiava, então eu me achava muito inteligente quando eu estudava na pública, mas quando eu vim para cá e vi que o estudo é diferente eu fiquei assim, cadê toda minha inteligência? (Aluna A., 2023)

Essa fala da estudante é muito interessante pois mostra as construções e desconstruções que esses jovens vivenciam em sua vida. Ora inteligente, ora não tão inteligente. Sob esse olhar, o que muda se o sujeito é o mesmo? Mudam-se os cenários, as relações, os olhares. Em diálogo com Groppo (2016), entendemos que os jovens tendem a considerar a experiência do hoje, do imediato, e às vezes esquecem a experiência acumulada. O autor entende que “a fraqueza das juventudes modernas advém desta condição de relação experimental com a realidade presente” (Groppo, 2016, p. 19).

Ao final do encontro, pedimos aos estudantes que pensassem, em casa, nas conversas e nas trocas realizadas, buscando colocar no papel as relações de força entre pobreza, periferia, escola. Um dos jovens entregou um texto que traz uma fala tão simples e paradoxalmente tão profunda quando pensamos na linguagem de um adolescente tentando mostrar como enxerga a sua comunidade e quais as suas percepções acerca do que vive.

Favela - Periferia

Bom, às vezes pode até ser perigoso morar na favela por conta de preconceito e racismo, que acontece em todo lugar. Fazer o foco principal são os trapicantes e as Escalas. Porque a maioria das escalas não tem material suficiente e professor suficiente e querendo ensinar. E aí vêm para os alunos e falam que não vão ter futuro, que não vão ser nada na vida. Falam muitas besteiras, se ficam comparando eles com trapicantes, falando que vão ser igual a eles. Mas a maioria das vezes esses alunos se tornam alguém na vida, mesmo vindo de uma escola pública.



Texto e desenho chamam a atenção por refletir a construção identitária dos jovens que vivem na periferia e que, pelo simples fato de viverem em uma região periférica, sofrem violência, não falamos aqui de uma violência apenas física, que sabemos que ela está presente no dia a dia desses jovens, mas de uma violência no âmbito da violação dos direitos, na possibilidade de serem sujeitos que possam exercer a cidadania em sua totalidade, como prevê a CF.

O material trata do perigo do tráfico e o que mais nos chama atenção é estabelecer uma relação de igualdade de perigo entre os traficantes e a escola. Voltando nosso foco para a questão da escola, pois já sabemos o perigo que os traficantes representam para a sociedade, o aluno B.(2023) pontua: “porque a maioria das escolas não tem material suficiente e professor suficiente querendo ensinar”. A ideia que os estudantes construíram da escola pública está fundamentada na vivência e nas experiências a que esses jovens foram expostos durante o tempo em que estiveram lá.

Viana (2009) nos diz que a identidade da juventude é uma tradução de sua situação social real. Essa afirmação do autor corrobora com o nosso entendimento que os jovens só conseguem fazer essa relação de transformação da sua realidade a partir de momento que estão experimentando outra. Quero dizer com isso que esse jovem estudante Marista só se dá conta dessa realidade da escola pública quando está inserido em um outro contexto que não vivera anteriormente. Precisamos nos preocupar, também, enquanto educadores e esse é o papel da escola de desmistificar o estereótipo de que na escola pública os professores não querem ensinar, que estão preocupados apenas com o salário que receberão. Vimos essa fala em vários pontos das rodas de conversas desde o início dos encontros.

O que vivenciamos nessas rodas de conversa é que mesmo de forma inconsciente, os jovens sabem que a escola pode ser a porta de entrada para uma mudança da própria realidade, da realidade de sua família e, porque não pensar, da transformação da realidade da sua comunidade, pois temos dialogado que com as relações, vivências e observações, identidades são construídas. Contudo, sabemos que essa mudança não é fácil, pois muitos

desses sujeitos, a partir das observações que temos feito, não conseguem, sequer, ter uma dimensão da realidade empobrecida em que vivem.

O estudante B. (2023) finaliza o texto com uma afirmação: “na maioria das vezes, esses alunos se tornam alguém na vida, mesmo vindo de uma escola pública”. Entendemos que quando cita “se tornar alguém na vida”, não reflete, necessariamente, obter sucesso financeiro. Para esses jovens, conseguir resistir na favela, sem se envolver em uma vida de criminalidade, já é ser alguém. Ter uma realidade diferente daquela a que foram submetidos, já é ser alguém, conseguir constituir uma família, cuidar da esposa/esposo, dos filhos, sustentar a casa, mesmo que com o mínimo possível, já é vencer na vida.

Acreditamos na importância do papel da escola como um espaço de inclusão e justiça social, especialmente em contextos de pobreza. A escola precisa se enxergar como um possível agente de transformação, capaz de oferecer oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento que ajudem a romper os ciclos da desigualdade. Acreditamos que para muitos jovens empobrecidos, a escola representa não somente um espaço de aquisição de conhecimentos curriculares, mas também um espaço onde eles constroem suas identidades e se reconhecem como sujeitos de direitos.

Acreditamos, ainda, que a escola tem o potencial de ser um ambiente que valoriza as experiências, as culturas e os saberes dos jovens, promovendo a autoestima e o senso de pertencimento, sendo assim, crucial para formar jovens críticos e conscientes, capazes de questionar e transformar a realidade de pobreza que enfrentam.



COLABORADOR(A)

Prof. Ms. Flávio Gonçalves (Professor de filosofia)

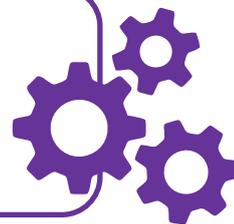
OBJETIVOS



Entender como os jovens se percebem e são vistos;
compreender como esses sujeitos são vistos pela sociedade e
pela comunidade escolar;

METODOLOGIA

Análise do clip da música “Não é fácil” de Charlie Brown Jr. E Negra Li.; roda de conversa acerca da temática, resposta a perguntas feitas a partir do tema discutido.



A juventude é uma fase singular da vida, repleta de descobertas, transformações e construção de identidades. No contexto sociocultural, as identidades juvenis desempenham um papel crucial, refletindo as complexidades e diversidades presentes nesse período de transição. A busca por pertencimento, autenticidade e expressão individual molda as experiências dos jovens, influenciando suas escolhas, relações e visões de mundo.

As identidades juvenis são fortemente influenciadas por fatores como cultura, gênero, etnia, classe social e orientação sexual. A diversidade desses elementos cria um mosaico de perspectivas, desafiando estereótipos e promovendo a compreensão da diversidade presente entre os jovens.

Para esse momento, convidamos o prof. Flavio Gonçalves de Oliveira, graduado em Filosofia, Mestre em educação pela Ufes, que tem estudado a temática da juventude e em sua dissertação buscou constituir movimentos culturais com os jovens empobrecidos, em diálogo com as expressões de culturas juvenis que transitam na escola, visando a construir possibilidades de enfrentamento da pobreza e extrema pobreza.

Flávio convidou os estudantes a assistirem o clipe da música “Não é fácil”, de Charlie Brown Jr. E Negra Li. Após todos partilharem esse momento, quis saber quantos já tinham escutado essa música, alguns falaram que já tinham ouvido, outros não, alguns conheciam o artista, mas não essa canção em específico. Após esse momento, convidou os estudantes a se dividirem em duplas ou trios e disparou quatro perguntas para que respondessem em uma folha. Eles podiam escolher qualquer ambiente da escola que se sentissem mais confortáveis para conversar com os colegas.

Alguns preferiram permanecer na sala, outros foram para área externa, na quadra, eu e Flávio percorremos os pequenos grupos a fim de perceber os diálogos que estavam sendo estabelecidos entre eles. Em alguns momentos, buscamos questionar sobre as percepções, tentando criar um ambiente favorável para que as ideias pudessem aflorar sem que ficassem preocupados de falar algo que achassem que não seria adequado. Vale pontuar que falamos sobre a ética da pesquisa, que eles não seriam identificados e que poderiam se sentir à vontade para compartilhar as suas percepções sobre si mesmos, a escola e a realidade em que vivem.

Esses foram os questionamentos que Flávio trouxe aos jovens: O que falam (por aí) sobre os jovens? O que a escola fala sobre os jovens? O que esses jovens falam de si mesmos? Como vocês se percebem como jovens em Terra Vermelha e no cotidiano nessa escola?

Os estudantes voltaram e fizemos uma disposição das cadeiras em roda para que ficássemos mais juntos e criássemos um ambiente de escuta e de acolhida. Nesse dia, devido à SIM, o grupo estava menor, o que facilitou uma conversa mais específica com eles. Nesse formato de roda de conversa menor, percebemos que os alunos se sentiram mais à vontade de partilhar seus sentimentos.

As pequenas amostras possibilitam, segundo Bogdan e Biklen (1994), ao pesquisador perceber os comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos e, com isso, trazer para o campo da inteligibilidade, de maneira minuciosa, elementos que refletem suas vivências. A nossa preocupação nunca foi produzir um grande número de dados, mas sim dados qualitativos que representem os diversos sujeitos em suas percepções individuais. Eis a razão de, apesar de termos feito uma pesquisa com o total de 70 estudantes, as rodas de conversas sempre foram divididas em dois grupos e buscamos sempre as falas dos estudantes que fossem mais relevantes para a temática

A primeira provocação que Flávio fez foi em relação à percepção que eles tiveram da letra da música. O estudante K. relatou como a mídia, a TV, os adultos e a sociedade enxergam a população jovem, ou seja, com uma certa censura e *desvalidação*, tirando os méritos de vivências dos jovens. Ele ainda fez uma observação muito dura: “eu conheço adolescentes que viveram coisas que adultos com 30 ou 40 anos nunca viveram ou passaram” (Estudante K., 2023). Esse apontamento de K. nos direciona o olhar para esse jovem que vem se construindo a partir de uma realidade empobrecida que é carregada de privações e cheia de responsabilidades que deveriam ser apresentadas ao mundo adulto.

O aluno K. segue argumentando que a sociedade não legitima as experiências vividas pelos jovens, sendo que essas vivências vêm construindo esses sujeitos e já apontam para os adultos que virão a ser: “Eles minimizam as nossas vivências só por sermos adolescentes, só por sermos jovens” (K., 2023). Diante da fala do estudante, Flávio traz a ideia dos estereótipos que são estabelecidos sobre os jovens pela mídia. Buscando um recorte menor, ele pergunta o que a mídia fala do jovem de Terra Vermelha. Esse questionamento começa a fomentar a ideia de como os estudantes são

enxergados e os fazem refletir sobre como enxergam a si mesmos.

Como resposta, ouvimos então: “favelado”, “marginal”, “pobre”, “traficante”. Groppo afirma que (2017) as imagens da juventude como perigo e da juventude como transição, combinadas, reforçam o poder das instituições sociais e dos adultos sobre os jovens, tratados como seres vulneráveis ou incapazes, porque ainda incompletos, em formação. Tais imagens tendem a desconsiderar as perspectivas distintas dos jovens acerca do mundo e do tempo, desvalorizadas diante da suposta superioridade da “experiência” dos adultos. Dificultam o diálogo entre as gerações, porque levam a pensar que os adultos nada têm a aprender com os mais jovens.

Outras falas se somaram as primeiras, mostrando o entendimento dos jovens sobre os estigmas que recaem sobre eles: “lixo, sem reponsabilidade”, “falam que não presta, não faz nada, só pensa em besteira, não quer nada com nada”, “que não precisam se preocupar com nada, que os mesmos só ficam em redes sociais e não fazem nada, não trabalham, não pagam conta e essas coisas”, “falam mal sobre a maioria dos jovens, por generalizarem que eles só pensam em diversão, perdendo o futuro por esta causa”, “como jovem, costumo escutar que estamos na fase de aprendizagem, diminuindo e minimizando as vivências dos jovens (principalmente de periferia)”, “que devemos criar maturidade, levar as coisas mais a sério, que somos novos demais para algumas coisas e velhos demais para outras”.

Ainda que a sociedade tenda a desvalorizar os saberes dos jovens empobrecidos por dois aspectos, por serem jovens e por serem periféricos, as juventudes resistem. O termos depreciatórios que os alunos mencionam em resposta à pergunta do Flávio são por eles mesmos criticados e rejeitados, mostrando que as juventudes periféricas resistem, que não aceitam passivamente o que dizem sobre elas, que vem buscando vias de transformação do pensamento social, é o que fica evidenciado na fala do aluno Y:

Eu percebo que está mudando, a TV traz muito o destaque para os jovens, principalmente pelo R5 coletivo (coletivo da região 5), do CRJ, eles estão impulsionando a visibilidade dos jovens e, como que eu posso dizer, a (pausa) forma como a sociedade, que foi até falada aqui pela música, vê o jovem. O CRJ e o R5 coletivo tentam mudar essa visão, trazer uma visão nova de mais

capacidade e de mais experiência para essa juventude (Y., 2023).

As culturas juvenis das quais temos nos aproximado durante esta pesquisa tem evidenciado a necessidade que o jovem periférico tem de se mostrar contrário ao estereótipo que a sociedade elaborou sobre ele. Flávio aborda que essa vertente de um olhar diferenciado para esses jovens de periferia não é um movimento antigo, pelo contrário, é algo novo que vem se estabelecendo a partir da força dos jovens e de políticas públicas voltadas para os territórios em situação de vulnerabilidade social. Flávio também chama a atenção para a diversidade cultural que constitui e é constituída pelas juventudes, pois juventude é uma categoria diversa, atravessada pelas dimensões da vida.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (Dayrell, 2003, p. 43).

O olhar de ressignificação da periferia como um lugar de vivência, de experiência, de saberes e de cultura tem contribuído para a formação dos jovens em uma perspectiva emancipatória, de valorização e empoderamento, em contraposição ao discurso massificador da mídia de exposição da periferia como lugar de violência, do tráfico, da pobreza e da criminalidade. As juventudes periféricas impõem suas culturas e ganham espaço por meio da resistência. Esse movimento reforça a ideia de que na periferia há experiências. Tem jovens fazendo arte, fazendo música, no teatro, na dança, produzindo cultura e conhecimentos que constituem as identidades desses sujeitos.

Como temos discutido nesta pesquisa, o papel da escola é fundamental para reverter esse cenário de desvalorização das juventudes empobrecidas. Isso pode ser constatado pela visão que os nossos estudantes têm da escola Marista, depositando nesse espaço a confiança para a construção de um futuro melhor. Concordamos com Barreto (2005) quando afirma que o aluno que procura a escola acredita que ela vai ajudá-lo a obter os conhecimentos necessários de uma vida melhor e socialmente mais valorizada.

Sobre a relação dos alunos com a instituição, Flávio pergunta: “o que esta escola fala sobre os jovens?”.

Ainda que os alunos entendam a importância da educação em suas vidas, temos consciência de que as desvantagens que os alunos de classes empobrecidas, por fazerem parte de classes inferiorizadas, tem em relação aos das classes abastadas, dificilmente serão superadas somente pela escolarização. Para que a escola realmente oportunize uma transformação social, precisa trabalhar com mais do que conteúdos, em uma perspectiva crítica e de maneira intersetorial, na relação com outras instâncias sociais. Quando os jovens não percebem isso, acreditam que o sucesso ou fracasso é apenas fruto do esforço pessoal.

Contudo, não é com base no pensamento crítico que as escolas têm funcionado. Quando os estudantes trazem as respostas “a escola diz que precisamos ter um pensamento crítico, mas quando damos a nossa opinião os mesmos querem censurar, que somos o futuro do Brasil, mas não nos levam a sério” ou “a escola só quer que a gente estude, não se importa com os problemas fora dela”, o que parecem nos dizer é que a escola é um espaço fechado em si mesmo, que não consegue transpor os próprios muros, que não consegue dialogar com a comunidade e como o mundo dos jovens. Outro aluno ainda complementa: “nos dão a oportunidade de promover a liderança juvenil, dando ênfase as nossas conquistas e decisões”. (S., 2023)

Na mesma direção, A aluna M. revela algumas das dificuldades de ser jovem em espaços nos quais o discurso sobre a criticidade social se faz presente, mas em que as práticas caminham em outra direção:

Não é fácil ser jovem ou adolescente, as pessoas querem que a gente tenha um pensamento crítico, certo? só que é uma redoma de vidro, elas querem que a gente veja além dessa redoma, mas a gente não pode sair dela. E eu acho que isso acaba com o sendo crítico, isso cria adultos manipuláveis (M., 2023)

Parece-nos bastante contraditório educar para a liberdade em um ambiente de aprisionamento. O que faz com que a aprendizagem seja única e particular não é assimilar a realidade de forma direta, mas possibilitar o contato com outras consciências e realidades (Carrano, 2005), possibilitar a forma criativa de ser e fazer, de pensar diferente e de dialogar:

Eu acredito que quando você fica nesse ambiente que proporciona pouco conhecimento, você se mantém nessa caixa fechada, porque sua criatividade, seu jeito de fazer diferente se prende ali, porque não te dão liberdade de você raciocinar melhor, ahhh não faz desse jeito não, é esse jeito aqui que eu estou te ensinando e é isso aqui que você vai fazer, e ele te proíbe de você pensar diferente e pensar melhor. Porque na outra escola eu estava prendendo uma coisa que eu vejo que é muito forte aqui, que é a questão do debate, você questionar as coisas, que é uma coisa muito interessante” (Estudante E, 2023)
“não é fácil ser jovem ou adolescente, as pessoas querem que a gente tenha um pensamento crítico, certo? só que é uma redoma de vidro, elas querem que a gente veja além dessa redoma, mas a gente não pode sair dela. E eu acho que isso acaba com o sendo crítico, isso cria adultos manipuláveis” M.(2023)

Complementando a fala de E., o estudante Y. traz uma reflexão interessante sobre a régua com que são medidos. Ele entende que o ambiente em que está inserido muda o pensamento e conta que quando estudava na escola Darcy Ribeiro a percepção que ele tinha de si mesmo, era de bom aluno, o que foi totalmente anulado quando chegou ao Marista. Ele costumava ensinar aos alunos dos 9º anos estando ainda no 7º ano. Esse cenário mudou quando se deparou com um ensino mais “puxado”, com conteúdos mais difíceis. O estudante, então, concluiu: “o lugar que a gente está define muito o nosso conhecimento” (Estudante Y., 2023)

Penso que podemos repensar essa fala a fim de tirar o peso de onde estamos como definidor do que conhecemos. Acredito que se dissermos “o nosso conhecimento ajuda a transformar o lugar em que estamos”. Se o nosso saber fosse definido apenas pelo lugar em que estamos inseridos, os sujeitos das periferias estariam destinados a vivenciar um ciclo de pobreza que nunca poderia ser rompido. Todavia, entendemos que há saberes, culturas, conhecimento em territórios periféricos.

Acreditamos que a escola pública é, também, lugar de saberes e também de transformação. Há nesse espaço um esforço de muitos agentes dispostos a mudar realidade da educação no Brasil. Isso pode ser visto pelo grande número de estudantes que lutam para adentrarem nos Institutos Federais, Universidades Federais, espaços públicos de educação que são almejados pelos sujeitos que vivem em realidade social privilegiada, mesmo possuindo todos os recursos financeiros possíveis para estudarem em instituições privadas. Essa busca é pela excelência de ensino que essas instituições

oferecem. O que necessitamos é de políticas públicas que possibilitem uma educação de qualidade desde a educação infantil até o ensino médio, pois essa formação básica perpassa a construção dos sujeitos que serão os cidadãos que formarão a nossa sociedade.



CONCLUINDO O QUE NÃO SE CONCLUI

O caminho percorrido através dos diálogos realizados com os estudantes da Escola Marista Champagnat Terra Vermelha nos aproximaram das temáticas acerca da juventude e da pobreza, que sempre fizeram parte do nosso cenário de educação como professores. As experiências que esses alunos empobrecidos apresentaram em relação à construção das suas identidades nos possibilitaram reconhecer que as muitas juventudes estão presentes na escola e que requisitam serem vistas, pensadas, consideradas.

Durante a jornada de pesquisa, conhecemos mais detidamente os jovens, seus saberes, a condição juvenil e as identidades que foram construindo a partir de tudo que experimentam e vivenciam dentro da comunidade em que moram. A relação estabelecida com seus pares, seus familiares, igreja, professores faz com que se construam de forma plural, diversa, multifacetada, pois a constituição dos/as jovens como sujeitos está comprometida com uma multiplicidade de repertórios sociais diferenciados, coerentes ou contraditórios (Lahire, 2005).

Os elementos contraditórios da condição juvenil colocam constantemente aquilo que é definido institucional e oficialmente em questionamento, pela própria dinâmica interna das coletividades juvenis e de suas relações com a sociedade mais geral, o que pudemos constatar durante nossas rodas de conversa. Os jovens, buscando a superação diante das situações de pobreza a que são submetidos, recorrem às variadas manifestações das culturas juvenis existentes na comunidade como forma de dizer à sociedade que na periferia há pessoas de bem, trabalhadoras, para além da visão estereotipada de violentas.

Aproximarmo-nos desses jovens e entender os contextos empobrecidos nessa escola de Terra Vermelha foi extremamente desafiador, pois foi preciso um distanciamento emocional para um olhar mais crítico da atuação da escola e de observação das práticas pedagógicas, buscando compreender de que

forma a instituição entendia esses jovens em condição de pobreza.

Constatamos, por meio da pesquisa, que apesar de a escola ter sido pensada para os pobres, como definiu São Marcelino Champagnat, e que atende hoje cerca de 647 estudantes do ensino fundamental II (anos finais) e ensino médio, não possui em seus documentos oficiais nenhum estudo diretamente ligado à pobreza e a desigualdade social. Não estamos dizendo, com isso, que não existe um olhar da escola para os empobrecidos, pelo contrário, identificamos na fala dos jovens participantes desta pesquisa que se sentem, muitas vezes, privilegiados por estarem nesse espaço formal de educação, que consideram de qualidade.

Assim como a escola não apresenta, em sus documentos, o debate sobre pobreza e desigualdade social, verificamos que boa parte dos estudantes não conseguia entender essa condição em que vivem, pois apenas concebiam como pobres os que estavam em condição de extrema pobreza. O fato de ter uma casa, um telefone, o acesso a algumas formas de lazer, na percepção desses jovens, os excluía de serem pobres. Essa percepção de pobreza reduzida à ausência de renda é a percepção que Cararo (2015) afirma precisar ser ampliada, pois a pobreza é um fenômeno estrutural e complexo, de caráter multidimensional e multifacetado.

A identidade desses jovens precisa adentrar na escola, o que vemos hoje, ainda, é um caminho contrário, a escola entrando na identidade dos jovens. Suas identidades são potentes, ilimitadas e entendemos que se faz necessária a integração entre esses dois aspectos como um crescimento individual e coletivo. A escola, por sua vez, precisa encarar o desafio de acolher as identidades juvenis, para além do acolhimento, precisa entender essa pluralidade de juventudes.

As rodas de conversa abriram caminhos para trocas entre os jovens, o pesquisador e os colaboradores., todos imbuídos do mesmo propósito de se construírem a partir das experiências trocadas. Temos dito que os jovens se constroem a partir das vivências e observações, como sempre pontua Groppo (2004), mas não podemos limitar essa construção à juventude. A minha transformação pessoal foi conjunta ao observar e vivenciar a realidade desses sujeitos e como eles lidam diariamente com a condição empobrecida em que

vivem.

Identificamos, nessa escola, que há a preocupação para além dos conteúdos formais de educação. Há uma intenção de formar bons cidadãos para a sociedade. Nosso questionamento foi na direção de entender que tipo de cidadão é esse. A escola considera apenas um tipo de bom cidadão? Precisaremos pensar em outra pesquisa para aprofundar esse debate? Como formar um bom cidadão se temos tantos cidadãos se construindo diferentemente?

A incapacidade de entender a juventude dificulta os diálogos, principalmente nos espaços escolares, tão cheios de regras e de limitações, que limita e que engessa os jovens. A impressão que eles têm é de que a escola não os representa, por isso talvez essa seja a razão da escola ser tão desinteressante para eles. Não deve ser fácil para os estudantes assumirem um personagem que não são, pois a escola produz esse cenário. Eles não podem usar a roupa que têm, não podem usar os acessórios que no dia-a-dia fazem parte do seu corpo como se fosse um membro. Ao saírem da escola, logo nos primeiros passos, os meninos colocam o boné, o cordão, as meninas já levantam a bermuda apenas para voltarem a ser quem são. Quem eram eles antes de adentrar o ambiente escolar?

A tentativa fracassada da escola em homogeneizar os jovens está fadada ao fracasso, pois eles sempre serão muitos, a condição juvenil sempre será diversa, as vivências e observações sempre serão plurais. Assim como as juventudes, os territórios são diferentes, as condições totalmente adversas, as lutas são desiguais e o estigma já estabelecido para alguns. As políticas públicas precisam ser pensadas para essa diversidade, caso contrário, perpetuarão o abismo que há entre os que estão na periferia e os que vivem em territórios privilegiados. Precisamos de “dias felizes” para todos e não para parte deles.

Entendemos que a escola não tem um papel messiânico, mas ela precisa ser um lugar de escuta para esses jovens. Essa escuta facilitará a compreensão da identidade desses sujeitos que se constroem permanentemente pela interação do seu eu com a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o eu real, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com

os mundos culturais e as identidades que esses mundos oferecem (Hall, 2005).

A identidade desses jovens precisa adentrar na escola, sendo visibilizada e valorizada, mas o que vemos é um caminho contrário, a escola desconsiderando as diversidades e as especificidades dos sujeitos. As identidades juvenis são potentes, ilimitadas e a escola, por sua vez, precisa encarar o desafio de acolher essas identidades, para além do acolhimento, precisa entender essa pluralidade de juventudes.

Depois de muitas pesquisas, leituras, conversas e escritas, percebemos que ainda há muito para se entender. Há um caminho longo para compreender a juventude, acolher suas diversidades, incorporá-las às práticas pedagógicas e, principalmente, ter um espaço onde os jovens sejam pensados em suas individualidades. Assim como na canção de MC César que diz “como era doce o sono ali”, fazendo referência ao território em que vivem os jovens empobrecidos, poderíamos dizer que os jovens periféricos, com suas vivências e experiências, têm muito a nos ensinar. Precisamos entender que o lugar de onde vêm e os sofrimentos pelos quais passaram não são definidores da queda dos sujeitos empobrecidos, mas sim da resiliência de continuar a jornada para uma mudança da realidade.

A fala de Fagundes “Aqui, a gente, na maioria das vezes, nem tem chance de sonhar”, indica que nem mesmo essa chance é dada aos sujeitos periféricos. Percebemos que os sonhos estão longe desses jovens, pois a realidade é mais urgente do que os sonhos do futuro. A pobreza é um fator que demanda uma resolução que não pode esperar, a fome não espera, a violência não espera, a falta de uma família não espera, as demandas do lar não esperam, a pobreza multifacetada não espera.

Almejo que nossos jovens periféricos, cheio de saberes e potencialidades, possam ser vistos e ouvidos, se entendam como pobres, mas em uma pobreza transitória, que poderá ser transformada pela educação, pelas experiências e pelas oportunidades que receberão durante a vida. Que eles recebam não piedade, mas oportunidades, não armas, mas livros, não olhares de reprovação, mas mãos estendidas para colocá-los em lugares sonhados e não naqueles que lhes foram impostos pela burguesia. Os jovens não podem mais esperar para o “dia nascer feliz”



REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. Apresentação. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 9-22.

ALVAREZ, L. Prefácio. In: GARCIA, A. V. [et al.] (org.). Reflexões sobre a pobreza concepções, enfrentamentos e contradições (Recurso eletrônico on-line). **Educação, Pobreza e Desigualdade social**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 1. ed., 2017.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual?** **Educ. Soc.** 2018. v. 39(145):1098-1117. DOI: 10.1590/es0101-73302018206868

_____. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. RJ: Vozes, 2014.

BARRETO, José Carlos e BARRETO, Vera. **Um sonho que não serve ao sonhador**. In: **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília, DF: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002

CARARO, M. F. **O programa mais educação e suas interfaces com outros programas sociais federais no combate à pobreza e à vulnerabilidade social**: intenções e tensões. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015

CREPOP. Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (2008). Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS. Conselho Federal de Psicologia: Brasília.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. v. 2 n. 24, Rio de Janeiro – RJ, p. 40-52, 2003.

_____. Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. A Juventude no Brasil: Questões e Desafios. 2014, Disponível: http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf

_____. **A escola faz as juventudes? reflexão em torno da socialização juvenil**. Revista Educação e Sociedade, Campinas vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, Out. 2007.

DE OLIVEIRA GOMES, J. Educação e pobreza: uma construção histórico-social. **Journal of Education Science and Health**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1–16, 2021. DOI: 10.52832/jesh.v1i2.15. Disponível em: <https://bio10publicacao.com.br/jesh/article/view/15>. Acesso em: 1 de agosto de 2023

Declaração Universal dos Direitos Humanos. Rio de Janeiro: UNIC, 2009 [1948].

DUMKE, J. L. A formação das identidades das juventudes contemporâneas. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 23, n. 43, p. 62–75, 2013

GROPPO, Luís Antonio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Ultima década**. Santiago, v. 18, n. 33, p. 11-26, dic. 2010

_____. **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas**. Revista do COGEIME. Piracicaba, v. 13, n. 25, p. 9-22, 2004.

_____. **Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude**. Desidades, Rio de Janeiro, n. 14, ano 5, mar. 2017

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. **A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde**. Revista Escola de Enfermagem. USP, v. 35, n. 2, p.115-21, jun. 2001

LAHIRE, Bernard. **Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual**. Sociologia, Problemas e Práticas, Oeiras, n. 49, set. 2005.

MELO, M. C. H. de; CRUZ, G. de C. Roda de Conversa: Uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Imagens da Educação**, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014

RAMOS, M. **Vida Maria**. [Filme-vídeo]. Produção de M. Ramos e Joelma Ramos. Direção de M. Ramos. Ceará, 2007. Duração: 9 minutos. Data de acesso: 25 jan. 2024.

REIS, Elisa Pereira, Percepções da Elite sobre pobreza e desigualdade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 15 n.42, fev., p.143-152, 2000

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma Abordagem Territorial. In SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e Territorialidades: Teorias, Processos e Conflitos**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009

SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. (Org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA Editores, 2003.

SPOSATI, Aldaíza. **O Primeiro Ano do Sistema Único de Assistência Social**. In: Revista Serviço Social e Sociedade n. 87. S.P., Cortez Editora, 2006

SOUZA, Jessé (org.). **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa - ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TORRES, M. A.; KOZEL, S. **Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia**. Ra'ega, Curitiba: UFPR, n. 20, p. 123-132, 2010.

VIANA, Nildo. Juventude e identidade. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 1, p. 145-154, jan./fev. 2009.

WILKINSON, Richard; PICKETT, Kate. **The spirit level: why equality is better for everyone**. London (UK): Penguin, 2010.

ZAGO, N. **Processos de escolarização nos meios populares**. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. Família e escola: **Família e escola trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.



educação

Programa de Pós-Graduação
Profissional em Educação - UFES